



A TRANSMIDIAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA LINGUAGEM MOTIVADORA

Maciel Pereira da Silva

maciel0510@gmail.com¹

Jean Volnei Fernandes

j.volnei@uol.com.br²

Resumo

Este artigo objetiva apresentar a transmidiação como uma linguagem alternativa a ser usada nas aulas de Geografia da educação básica com a finalidade de motivar os alunos à participação nas respectivas aulas. A problemática, a partir da qual nos propomos a elaborar este trabalho, partiu do desinteresse dos estudantes pelas aulas de Geografia, muito comumente por eles manifestado e por nós presenciado ao longo de nossa carreira enquanto docente de Geografia na educação básica. A justificativa para a reflexão aqui apresentada se assenta em teorias que apontam a motivação como um elemento indispensável para a aprendizagem (POZO, 2002). A metodologia utilizada foi estudo bibliográfico. O uso da transmidiação enquanto linguagem nas aulas de Geografia contribui para motivar os alunos a participar de atividades pedagógicas propostas pelo docente por: possibilitar a aproximação do conteúdo geográfico à realidade do aluno; permitir ao estudante fazer uso de suas habilidades pessoais, tanto artísticas quanto técnicas, como: desenho, pintura, histórias em quadrinhos (HQ), teatro, cinema, uso de softwares de computador, smarthphones, outros.

Palavras-chave: Geografia Escolar; Motivação; Transmidiação.

Introdução

Ao longo da carreira de professor de Geografia da educação básica, temos, juntamente a outros colegas de trabalho, experimentado situações de desinteresse dos estudantes por nossas aulas. É comum que professores e professoras, ao vivenciar situações dessa natureza, busquem, na medida da disponibilidade de recursos, metodologias de ensino diferenciadas, na tentativa de angariar o interesse dos estudantes. No entanto, tais tentativas nem sempre produzem o efeito esperado pelos docentes, que, muito comumente, se sentem impotentes, angustiados, adoecidos.

Na busca por alternativas que possam tornar nossas aulas mais atraentes para os alunos, e, conseqüentemente, mais produtivas em relação à aprendizagem, temos nos dedicado, nos

¹ Professor efetivo de Geografia da educação básica na Secretaria de Educação do Distrito Federal e doutorando no programa de pós-graduação em Geografia da Universidade de Brasília-UnB.

² Professor efetivo de Geografia da educação básica na Secretaria de Educação do Distrito Federal e doutorando no programa de pós-graduação em Geografia da Universidade de Brasília-UnB.

últimos anos, a buscar linguagens diferenciadas, que sejam próximas dos interesses dos nossos estudantes, para serem aplicadas às práticas de ensino de Geografia. Assim, apresentamos a transmídiação como uma linguagem potencialmente motivadora, capaz de atrair o interesse discente e, por consequência, contribuir para a aprendizagem de Geografia no ensino básico.

Por transmídiação entende-se a ação intencional de um sujeito em transferir um conteúdo (mensagem, história, situação) de uma mídia para outra. As mídias podem ser constituídas tanto por plataformas digitais, como a câmara fotográfica, o computador, o *tablet*, etc., como por plataformas físicas, como o texto, o desenho, a história em quadrinho (HQ), o quadro negro, o muro e outras. Entretanto, em cada plataforma midiática, o conteúdo deve ser completo e independente, no sentido de transmitir ao leitor a mensagem desejada, não sendo necessário que ele recorra a plataformas anteriores para integralizar seu entendimento. Há de se destacar, ainda, que o autor de uma ação transmídia deixa de ser mero leitor e passa a ser coautor daquela mensagem, uma vez que, ao reelaborar aquela representação em outra plataforma midiática, ele, em alguma medida, transforma o conteúdo original ao incluir elementos de sua autoria.

O artigo está organizado da seguinte forma: encetamos por caracterizar a Geografia Escolar e suas finalidades. Em seguida fazemos uma discussão a respeito da importância da motivação dos estudantes para um efetivo processo de ensino/aprendizagem, e, por fim, apresentamos a transmídiação como linguagem potencialmente motivadora para a aprendizagem de Geografia na educação básica.

A Geografia Escolar e suas finalidades

Embora as duas geografias, a científica e a escolar, estejam embasadas em um mesmo referencial teórico, elas possuem especificidades. Lestegás (2002) chama a atenção para suas diferenças a partir das finalidades a que se propõem:

mientras que los primeros(a Geografia acadêmica) persiguen su reconocimiento como <<verdaderos>>, los contenidos escolares tratan simplemente de ser útiles para la formación de personas que, em princípio, no van a ser especialistas ni productores de nuevos conocimientos em las disciplinas correspondientes (LESTEGÁS, 2002, p. 174).

Ao elencar as diferentes finalidades da Geografia científica e da Geografia Escolar, o autor nos fornece pistas para que outras diferenças sejam evidenciadas. Primeiro: a ciência geográfica, ao produzir conhecimento científico, não pode fazê-lo sem o devido rigor, que a



princípio deve definir conceitos, teorias, métodos de pesquisa, dentre outros. A Geografia Escolar, por sua vez, dada a sua finalidade, pode ser menos rigorosa. Segundo: pode se dizer que a Geografia, enquanto ciência, se dedica a responder a problemas da humanidade que se manifestam na forma de contradições espaciais. Já a Geografia Escolar cumpre o papel de ajudar os alunos a compreenderem o mundo em que vivem, por meio do ensino dos conteúdos de Geografia, a partir de suas realidades e da realidade do ambiente escolar. Cabe ressaltar, ainda, que no Brasil, como em outros lugares do mundo, a Geografia Escolar surgiu antes da Geografia acadêmica ou científica. Ao discorrer sobre a diferença entre as duas geografias, Callai (2010) afirma:

Se a ciência tem que responder os problemas postos pela humanidade, busca respostas através da investigação. A Geografia apresenta uma produção importante e junto com ela estrutura formas de fazer a interpretação dos fenômenos e a análise geográfica da realidade do mundo. A Geografia escolar tem as suas marcas que não as distanciam da ciência, aliás, as origens da análise geográfica e os conceitos que constituem o arcabouço teórico são os mesmos. A linguagem que estrutura a ciência também se reflete na escola e no ensino de Geografia. No entanto, existem diferenças entre as “duas geografias”, a ciência e a disciplina escolar, que não demarcam duas no sentido de que cada uma tenha autonomia em relação a outra, mas que na origem e em muitos procedimentos para realização da análise geográfica se assemelham. A diferença pode ser caracterizada a partir daquilo, que, posto a cima, diz que a ciência responde problemas produzidos pelos homens e a disciplina escolar ensina o conteúdo da geografia e mais que isso, ensina a desenvolver a capacidade de interpretar a espacialidade dos fenômenos (CALLAI, 2010, p. 23).

À Geografia escolar, portanto, cabe a tarefa de desenvolver caminhos metodológicos que possibilitem aos alunos o entendimento do mundo e do lugar que eles ocupam no mundo, como condição essencial para o exercício da cidadania a partir de seus posicionamentos críticos em relação à realidade social. Dito de outra forma, isso equivale a dizer que o papel da Geografia Escolar é auxiliar os alunos na construção de cognições que os permita desenvolver o raciocínio Geográfico, que, grosso modo, pode ser definido como a capacidade de conhecer, compreender e interpretar o espaço geográfico. Ainda de acordo com Callai (2010):

A geografia escolar, assim como a ciência geográfica, tem a função de estudar, analisar e buscar as explicações para o espaço produzido pela humanidade. Enquanto matéria de ensino cria as condições para que o aluno se reconheça como sujeito que participa do espaço em que vive e estuda, e que pode compreender que os fenômenos que ali acontecem são resultados da vida e do trabalho dos homens em sua trajetória de construção da própria sociedade demarcada em seus espaços e tempos (CALLAI, 2010, p. 17).

Cabe destacar, no entanto, as dificuldades que muitos professores e professoras de Geografia encontram para efetivamente envolverem seus alunos nas discussões e estudos propostos a fim de fazer com que a Geografia Escolar alcance sua finalidade: levar o aluno a se reconhecer como sujeito e atuar criticamente no espaço em que vive, tanto em termos de sua produção como de sua transformação.

Inferimos que, muito dessa dificuldade encontrada por professores e professoras de Geografia, se deve a inexistência ou ao baixo nível de motivação dos estudantes em relação às nossas aulas. A motivação é elemento indispensável para o interesse, a aprendizagem e consequente processo de mudança de postura do discente diante do mundo em que ele vive. Pozo (2002, p.146) é enfático ao afirmar que “a motivação pode ser considerada como um requisito, uma condição prévia da aprendizagem. Sem motivação não há aprendizagem”. Nessa mesma linha de entendimento, Bzuneck (2009) assevera:

[...] a motivação, mediante seus efeitos imediatos de escolha, investimento de esforço com perseverança e de envolvimento de qualidade, conduz igualmente a um resultado final que são os conhecimentos construídos e habilidades adquiridas, ou seja, em última instância, ela assegura a ocorrência de produtos de aprendizagem ou tipos de desempenho socialmente valorizados (BZUNECK, 2009, p.12).

A palavra motivação se origina do verbo latino *movere*, que, genericamente, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso (BZUNECK, 2009). Em psicologia, motivação significa “espécie de energia psicológica ou tensão que põe em movimento o organismo humano, determinando um dado comportamento” (MICHAELIS, 1998, p.1417).

A motivação é um componente fundamental na realização de diversas atividades humanas, como o esporte, o lazer, e outras tantas, no entanto, a realização das atividades no contexto escolar, exige certo nível de envolvimento motivacional que a diferencia das outras atividades em termos de intensidade. O aluno se depara com atividades situadas no campo da abstração e subjetividade que, para serem solucionadas, requer alto nível de atenção, concentração, elaboração. “Segundo o enfoque construtivista, o aluno é o protagonista de sua aprendizagem, cabendo-lhe realizar determinados processos cognitivos, que ninguém pode fazer por ele” (BZUNECK, 2009, p. 11).

As motivações para a aprendizagem podem ser classificadas em dois grupos distintos: motivações extrínsecas e motivações intrínsecas. Ao se tratar dos motivos da aprendizagem,



consideram-se extrínsecos aqueles em que o motivo para aprender está fora do que se aprende. Nesse caso, o que interessa ao aluno são as consequências da aprendizagem e não a própria atividade de aprender em si. O aluno poderá receber uma recompensa pelo sucesso no aprendizado ou ser punido por não aprender o que lhe foi ensinado. Um bom exemplo de motivação extrínseca é aquele aluno que estuda porque o pai lhe prometeu uma viagem de férias, caso seja aprovado na escola ou para ganhar um carro, caso seja aprovado no vestibular. Há, ainda, aquele que ao ser reprovado poderá perder a mesada mensal que recebe dos pais ou o plano de internet do seu *smartphone*. Enfim, trata-se de um sistema de recompensas e punições. O grande problema nesse modelo de motivação é a dificuldade em fazer com que ele seja duradouro. De maneira geral, sua eficácia se perde na medida em que o aluno perde o interesse por aquilo que lhe foi prometido ou deixa de se importar com aquilo que poderá lhe ser subtraído. Diferentemente da motivação extrínseca, a motivação intrínseca ocorre quando os alunos atribuem significado valorativo ao aprendizado em si. A aprendizagem, nesse caso, é tida como elemento de satisfação pessoal, de realização de desejos, de conquista. Os motivos para aprender afloram do próprio aluno, sem a necessidade de estímulos externos. As motivações intrínsecas são mais eficientes, em comparação às motivações extrínsecas, por serem perenes e independentes de recompensa externa (POZO, 2002).

As motivações intrínsecas, portanto, são particulares, individuais, íntimas. Cada aluno as possui em grau variado, dependendo de uma série de fatores relativos ao seu contexto de vida, ao seu meio social. Por serem próprias de cada aluno, acaba por ser mais difícil para o professor a proposição de ações que afetem diretamente tais motivações. Assim, o ideal é que o professor proponha ações didáticas estimuladoras das motivações extrínsecas como um caminho para se alcançar as motivações intrínsecas, ou, dito de outra forma, as motivações extrínsecas, produzidas por meio das ações didáticas propostas pelo docente, podem ser internalizadas pelo aluno e se tornarem, com o tempo, motivações intrínsecas.

Nesse sentido, Pozo (2002) aponta algumas formas estratégicas de ações didáticas interventivas capazes de incrementar a expectativa de sucesso nas tarefas escolares e fomentar a motivação dos alunos, dentre as quais

[...] conectar as tarefas de aprendizagem com os interesses e motivos iniciais dos alunos, com o fim de fazer da aprendizagem uma tarefa intrinsecamente interessante que, de forma progressiva, vá criando novos motivos e prioridades mais próximos dos objetivos finais da instrução. Quando os alunos não compartilham, desde o início, os interesses do professor, é preciso partir

de seus interesses para muda-los fazendo-os ver a relevância e o sentido dessas novas metas mediante sua conexão com seus conhecimentos e interesses prévios (POZO, 2002, p.145).

Assim sendo, ao partilhar das ideias propostas pelo autor, sugerimos o uso da transmídiação para o ensino de Geografia. A transmídiação, enquanto linguagem, possui recursos potenciais para aproximar a Geografia dos interesses iniciais dos alunos, conforme sugere o pesquisador, e, então, motiva-los em relação às atividades propostas pelos professores. O retorno esperado, em resposta a essa ação didática, é o maior envolvimento discente, a melhoria na aprendizagem e, por consequência, a contribuição para o avanço da Geografia Escolar no cumprimento de sua finalidade.

A transmídiação como linguagem no ensino de Geografia

O termo narrativa transmídia foi cunhado nos Estados Unidos pelo professor de jornalismo e comunicação Henry Jenkins no início dos anos 2000. Para o autor uma narrativa transmídia é constituída por uma história que “se desenrola por meio de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo” (JENKINS, 2009, p. 138).

Este recurso é amplamente utilizado no meio jornalístico como estratégia de marketing, bem como para a circulação de diversos produtos culturais no mundo do entretenimento. O objetivo é alcançar o maior número possível de público com a divulgação de um mesmo conteúdo em diferentes plataformas de mídia, ou seja, em diferentes linguagens. Por exemplo: um livro é transformado em filme, HQ ou desenho animado. Assim se alcança uma maior diversidade de público, que poderão escolher o produto a consumir de acordo com a linguagem que mais lhes agradam.

Este recurso está, ainda, muito restrito ao meio jornalístico, no entanto, é inegável o seu potencial para fins educativos. O uso desta linguagem no cotidiano escolar, especialmente no âmbito do ensino de Geografia, pode trazer uma série de contribuições significativas ao processo de ensino-aprendizagem desta disciplina. Além de seu potencial motivador, a transmídiação possibilita a produção de uma Geografia Escolar crítica, bem como o desenvolvimento do raciocínio geográfico dos alunos por meio da



[...] tradução de um sistema sógnico para outro que amplia as oportunidades de desenvolvimento para um pensamento gerador /gerativo e reflexivo, construindo conexões entre as diferentes linguagens e a criação de novas formas alternativas ao verbocentrismo praticado na educação formal (VERSUTI e SILVA, 2017, p. 95).

Assim, a transmidiação pode ser entendida como a “possibilidade de trazer outras escritas, motivadas por outros desejos, por novas configurações do pensamento” (VERSUTI e SILVA, 2017, p. 96) que rompem com a aprendizagem clássica da Geografia, baseada na memorização. Com isso, propõe o exercício de imaginar e criar novas possibilidades de aprendizagem geográficas ao aproximar os conteúdos pedagógicos da realidade dos alunos.

Pautando-se no conceito de transmidiação, com vistas ao desenvolvimento de uma aprendizagem geográfica mais autônoma e criativa, apresentamos algumas atividades que podem favorecer a construção do processo de transmidiação.

Para que a construção dos conceitos geográficos ocorra por parte dos alunos, a partir da transmidiação, faz-se necessária a utilização de diferentes linguagens no processo de elaboração do conhecimento. O uso de diferentes linguagens, no âmbito do ensino de Geografia, é destacado por Guimarães (2007) ao indicar que elas podem contribuir para o processo de aprendizagem no que concerne à apreensão de conteúdos, conceitos e temas geográficos. Essa autora sugere que a “[...] literatura, o cinema, o teatro, a música, a televisão, a fotografia, os textos informativos, os gráficos e mapas, são linguagens que devem estar presentes na Geografia escolar” (GUIMARAES, 2007, p. 50), tendo em vista que possibilitam aos alunos produzir, expressar e difundir ideias, sentimentos, opiniões, saberes e conhecimentos.

Sobre o uso da transmidiação como linguagem no ensino de Geografia, e visando apresentar as diversas possibilidades no desenvolvimento do potencial criativo dos alunos, com vistas à construção de novas narrativas, as quais os alunos atuarão como coautores/participantes na ressignificação dos conceitos geográficos por eles estudados, apresentamos as diferentes linguagens que poderão ser utilizadas como suporte para o processo de transmidiação. Entre elas podemos citar: os textos literários, as músicas, as fotografias, HQs, cinema, que são linguagens que possibilitam a construção de novas narrativas e a aprendizagem de fenômenos e acontecimentos geográficos.

Essa perspectiva é, também, compartilhada por Cousin (2012), quando afirma que:

[...] a utilização de diferentes linguagens (cinema, poemas, charges, histórias em quadrinhos, música, literatura, lendas, pinturas, gravuras, mapas, gráficos, fitas de vídeo, fotografias, textos jornalísticos, produção televisivas, etc.) visa

aproximar o ensino de Geografia do cotidiano, auxiliando na compreensão da produção do espaço, bem como na crítica a ele (COUSIN, 2012, p.65).

Dentro desse processo de construção da transmidiação no ensino de Geografia, destacamos como linguagens enriquecedoras o cinema e a literatura. O cinema, em suas variadas expressões, potencializa o papel da memória a partir dos diferentes imaginários geográficos apresentados. Para o ensino de Geografia, o filme pode servir como elemento mediador para o desenvolvimento das noções de tempo e de espaço, na abordagem dos problemas sociais, econômicos e políticos (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE, 2007).

Entre as obras que poderão ser exibidas e analisadas, destacamos as seguintes: Abril Despedaçado (Salles, 2001); Amazônia em Chamas (Frankenheimer, 1994); Morte e vida Severina (Viana, 1977); Vidas secas (Santos, 1963). Esses são filmes que possibilitam a construção da transmidiação pelos alunos, pois a partir do momento que narram histórias de vida, retratam diferentes paisagens, abordando elementos da Geografia física, cultural, além de problemas econômicos e sociais.

A literatura pode ser apresentada como outra linguagem que possibilita o processo de transmidiação no ensino de Geografia, pois:

[...] estabelece um entrelaçamento de saberes que se tecem também pelos fios de entendimento da espacialidade e da geograficidade enquanto elementos indissociáveis de qualquer narrativa ou manifestação cultural (MARANDOLA JR. e GRATÃO, 2010, p. 9).

Como exemplo de obras literárias que podem ser trabalhadas como linguagens no ensino de Geografia, destacamos as seguintes: O tempo e o vento, de Érico Veríssimo, que descreve as paisagens do Rio Grande do sul; Os sertões, de Euclides da Cunha, que enfoca questões do sertão nordestino; Grande sertão: Veredas, de Guimarães Rosa, que descreve as paisagens rurais dos sertões de Minas Gerais, Goiás e Bahia.

Nesse sentido, entendemos a transmidiação como uma forma de manifestação pessoal e autônoma dos sujeitos, por meio de escritas diferenciadas nas quais imprimem seus pensamentos, desejos, aspirações e sentimentos numa relação de coautoria com o autor principal.

Geografia Escolar, transmidiação e motivação: ações propositivas

Então, de maneira pragmática, como poderia ser o uso da transmidiação no processo de ensino de Geografia, de modo a motivar os alunos a participar das atividades propostas pelos



docentes? Dentre os elementos da Geografia, enquanto disciplina escolar, está “*una serie de ejercicios-tipo*” (LESTEGAS, 2002). Dentre tais exercícios pode ser solicitado aos estudantes que reelaborem, em outra plataforma de mídia, (pode ser um desenho ou uma HQ em uma folha de papel, uma pintura em uma tela ou com o uso de um programa de computador) a paisagem da sua rua (ou outro lugar qualquer que tenha significado para o aluno), que deverá estar representada a partir de uma fotografia tomada por ele mesmo. Na nova mídia, em um exercício de transmídiação, o estudante deverá fazer, de acordo com suas concepções, as transformações espaciais necessárias para que os moradores daquela comunidade desfrutem de uma infraestrutura urbana que lhes possibilite uma vida digna e confortável, por exemplo.

O primeiro ponto a se destacar é que uma atividade dessa natureza foge ao modelo padrão das aulas de Geografia ministradas na Educação Básica, que, a propósito, ainda se baseiam, majoritariamente, na metodologia de aula expositiva, seguida de resolução de atividades no livro didático. Essa mudança, na dinâmica da aula, certamente irá mobilizar a atenção dos alunos, bem como despertar seus interesses pela atividade propostas, pelo simples fato de se fazer uma aula diferente, flexível e um conteúdo próximo de suas realidades.

Outro aspecto que julgamos interessante nessa atividade consiste na possibilidade de explorar as habilidades individuais dos alunos para além da leitura e escrita de textos convencionais, seja no livro didático ou na lousa da sala de aula. É muito comum nos depararmos com alunos habilidosos na arte de desenhar usando plataformas físicas, como papel, lousa, tela de pintura ou plataformas digitais, com uso de *softwares* de computador. Assim, o professor, estaria valorizando tais habilidades dos alunos. E estes, certamente, ao fazer aquilo que gostam, o farão com mais prazer, com mais motivação.

Inferimos que as atividades de transmídiação se aproximam bastante da Geografia pela possibilidade de trabalhar com a paisagem, uma categoria analítica central desta ciência. As categorias da Geografia (e demais ciências sociais) possuem, como finalidade, revelar a realidade da qual emerge uma problemática, além de possuir, também, um poder interventivo como instrumento político de luta social, com capacidade de transformação da realidade vigente (Informação verbal)³. Na atividade aqui sugerida, especificamente, os alunos estariam

³ Fala proferida pelo prof. Dr. Rogério Haesbaert em palestra no VI seminário de pós-graduação em Geografia, na Universidade Federal de Goiás / Goiânia, em 27/05/2013.

construindo uma proposta crítica de intervenção na realidade por meio da categoria paisagem, uma aproximação, portanto, da transmídiação com a Geografia.

Seria inegável, ainda, nesse caso, a aproximação às finalidades da Geografia Escolar. Pressupõe-se que, ao reelaborar a paisagem de sua rua em outra plataforma, os alunos exercitarão o pensamento crítico e reflexivo, no sentido de propor as transformações espaciais promotoras da justiça social. Essa atividade, certamente, irá sensibilizar os alunos no sentido de se perceber sujeito ativo naquele espaço. A Geografia, nesse caso, pode vir a se constituir em um instrumento político de militância, conforme os princípios da Geografia crítica, ao passo que pensamos uma formação escolar com capacidade de produzir sujeitos atuantes em suas realidades, no combate às contradições espaciais.

Para a construção do raciocínio geográfico nos alunos, propósito central da Geografia Escolar, nota-se, também, a contribuição da transmídiação. Por raciocínio geográfico entende-se o *modus operandi* do intelecto no sentido de compreender a dialética espaço/fenômeno, ou seja, a relação entre o espaço e o fenômeno: um fenômeno afeta o espaço onde ocorre, assim como ele é afetado pelas características do local de sua ocorrência (SILVA, ASCENÇÃO ROQUE e VALADÃO, 2018). Inferimos, portanto, que os elementos espaço e fenômeno, bem como suas relações, estejam presentes nas reflexões do aluno ao elaborar a transmídiação proposta, mesmo que de forma empírica; algo que, posteriormente, no decorrer da apresentação daquele trabalho ao professor e aos colegas, pode ser retomado e reforçado pelo docente.

Esse é somente um exemplo que nos ocorreu. Por sua vez, diversas outras atividades podem ser propostas com o uso de diferentes plataformas de mídia, sejam elas físicas ou digitais: produção ou edição de vídeos com o uso de *smartphones*, pinturas, HQ, peças teatrais, etc. Ademais, pensamos que seja importante oferecer, aos alunos, a liberdade para usar a linguagem que mais lhes agrada, algo que, além de motivá-los pode, inclusive, ajudar no fortalecimento da construção da autonomia.

Além de uma linguagem potencial na motivação dos estudantes para as aulas de Geografia, pensamos a transmídiação como uma “escrita de resistência” (VERSUTI e SILVA, 2017, p.95), uma vez que permite ao sujeito o questionamento de realidades sociais postas e consolidadas, que, não raro, ignoram as diferenças e naturalizam as contradições espaciais.

Considerações finais



O presente artigo teve como propósito apresentar a transmídiação como uma linguagem potencialmente motivadora para o ensino de Geografia na educação básica. Por transmídiação, entende-se a ação intencional de um sujeito em transferir um conteúdo (mensagem, história, situação) de uma mídia para outra, na qual o sujeito pode promover a expansão da narrativa original, atuando como coautor em um processo de participação/engajamento na narrativa original.

Temos ciência que a motivação dos alunos depende de uma série de fatores relacionados ao seu contexto de vida que não serão alcançados, lógico, unicamente com o uso da transmídiação. No entanto, enxergamos no uso dessa linguagem uma contribuição no sentido de avançar rumo ao desenvolvimento motivacional dos alunos.

Dentre as atividades que podem motivar os estudantes para as aulas e contribuir para a Geografia Escolar no que se refere ao alcance de suas finalidades, a partir da utilização da transmídiação como linguagem, podemos destacar as seguintes: os textos literários, as músicas, as fotografias, histórias em quadrinhos (HQ) e cinema. Destacamos, no artigo, o cinema e a literatura em função das inúmeras possibilidades de transmídiação que podem oferecer aos alunos, seja a partir de elementos visuais ou dos escritos apresentados.

Apontamos, também, o estudo da paisagem dentro da Geografia Escolar como uma categoria muito adequada para a realização da transmídiação, uma vez que possibilita aos alunos reconstruir conceitos e reelaborar novos significados para suas vidas, em função das transformações espaciais e sociais por eles vivenciadas e presenciadas no seu dia a dia.

Por fim, para não concluir, apresentamos algumas sugestões práticas de atividades possíveis de serem desenvolvidas pelos docentes de Geografia que, ao utilizar a transmídiação enquanto linguagem promove a aproximação dos conteúdos geográficos à realidade dos estudantes, bem como os motiva à participação nas atividades escolares.

Referências

- BZUNECK, José Aloyseo. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BORUCHOVITCH, E. e BZUNECK, J. A. (orgs.) **A motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009
- CALLAI, Helena Copetti. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, E. M. B e MORAES, L. B.. **Formação de professores**: conteúdos e metodologias de ensino de Geografia. Goiânia: Vieira, 2010.
- COUSIN, Marcelo. Janela para o Mundo: o cinema como ponte entre lugares reais e imaginários. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. (Org.). **Cartografia, Cinema, Literatura e outras Linguagens no Ensino de Geografia**. Curitiba: Editora CRV, 2012.



- GUIMARÃES, Iara. Ensino de Geografia, mídia e produção de sentidos. *In: Terra Livre*. Presidente Prudente. Ano 23, v. 1, n. 28, pp. 45-66. Jan-Jun/2007.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- LESTEGÁS, Francisco Rodrigues. Concebir la Geografía escolar desde una nueva perspectiva: una disciplina al servicio de la cultura escolar. *In: Boletín de la A. G. E.*, n.33, pp. 173-186, 2002.
- MARANDOLA JR, Eduardo e GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Geograficidade, poética e imaginação. *In: MARANDOLA JR, E. e GRATÃO, L. H. B. (Orgs.). Geografia e literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: Eduel, 2010.
- MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.
- PONTUSCHKA, Nidia Nacib, PAGANELLI, Tomoko Iyda e CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SILVA, Patrícia Assis, ASCENÇÃO ROQUE, Valéria de Oliveira e VALADÃO, Roberto Célio. Por uma construção do raciocínio geográfico para além do pensamento espacial (Spatial Thinking). *In: Anais do 5º Colóquio Internacional da Rede Latino-americana de Investigadores de Didática de Geografia*. Goiânia/Pirenópolis: Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica (LEPEG) / Universidade Federal de Goiás (UFG). pp. 73-83. Jun. 2018.
- VERSUTI, Andrea e SILVA, David Daniel. A transmidiação como uma escrita de resistência. *In: Linha Mestra*. Ano XI. n.º 33. pp. 92-101. dez. 2017.